

CONNECTION

O Boletim da Fundação Internacional do Pathwork®
Edição Especial: Outono 2006



DO EDITOR

Bem-vindos ao primeiro número de InConnection, o jornal online da Fundação do Pathwork. Minha intenção inicial ao decidir editar este primeiro número era prestar uma homenagem ao Brasil, que sediou a última Conferência Internacional em Angra dos Reis, em 2004. Eu fiquei impressionada com o desenvolvimento do Pathwork no Brasil, com centenas e em seguida milhares de alunos envolvidos com os ensinamentos do guia. Como eu queria homenagear o Brasil com este número, achei melhor que tivéssemos duas versões do jornal, com tudo traduzido em Português e em Inglês. Inicialmente eu não havia imaginado o trabalho que este projeto daria, e que ele levaria tanto tempo até ser completado. Agora, um ano e meio depois, já estamos ansiosos para a realização da próxima Conferência Internacional, que acontecerá em Ixtapa, México, em março de 2007. Como o tema da Conferência Internacional no México será “Construindo Pontes no Caminho”, agora eu vejo este número do InConnection como uma ponte entre a última conferência internacional no Brasil e a próxima

no México.

Eu gostaria de agradecer a todos aqueles que se voluntariaram para dedicar parte de seu tempo e energia a este projeto. Lillian Trebilcock, que foi nossa ligação direta com o Brasil, e ajudou com a solicitação de artigos, tradução de correspondências e a revisão de várias traduções dos artigos em Português. Meus agradecimentos também a Cecilia Sakai e Gustavo Monteiro que também revisaram traduções e editaram artigos em Português. O administrador da fundação, Zoe Willow, fez as revisões do Inglês e nos deu um grande apoio para a concretização deste projeto. Agradecimentos especiais a Regina Santos pelo seu excelente trabalho de tradução da maioria dos artigos do jornal. Natural de Belo Horizonte, atualmente ela leciona Português na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. Para a nossa sorte, ela adora fazer traduções. Obrigada, Regina, e obrigada a Dauro Aquino, aluno do programa de “Helpership” da região de Nova York, que a indicou para nós.

Sendo assim, finalmente aqui está o primeiro número de InConnection. Espero que ele exerça sua função e nos ajude a manter as conexões entre os seguidores do Pathwork no mundo. Espero encontrar muitos de vocês no próximo ano no México.

Afetuosamente,
Donna Gray

A FUNDAÇÃO INTERNACIONAL DO PATHWORK TRUSTEES & TRUSTEES INTERINOS

Amanda van Boven
Presidente
Les Muids,
Suíça

Lillian Trebilcock
Trustee Interino
São Paulo, Brasil

Catherine Karas
Tesoureira
Nova Iorque, EUA

Gustavo Monteiro
Trustee Interino
São Paulo, Brasil

Louise Stevenson
Trustee
Ottawa, Canadá

Graça Casarsa
Trustee Interino
São Paulo, Brasil

Gloria Costa
Trustee,
Rio de Janeiro,
Brasil

Peg Humphrey
Trustee Interino
Califórnia, EUA

Donna Gray
Trustee,
Nova Iorque, EUA

Beita Arechavaleta
Trustee Interino
Montevideo, Uruguay

Barbara Azzara
Trustee,
Califórnia, EUA

Zoë Willow
Administradora,
Secretária Assistente
Virginia, EUA

INTERIM TRUSTEES UPDATE

Caros colegas do Pathwork,

Com o intuito e o espírito de proporcionarmos uma comunicação ampla e transparente e ao mesmo tempo nos conectarmos com as demais comunidades do Pathwork no mundo todo, nós, Trustees Interinos da Fundação Internacional do Pathwork, aproveitamos esta oportunidade para anunciar e compartilhar com vocês o que nós temos feito.

Nos últimos anos, a Fundação tem estado em uma situação flutuante, uma vez que estamos deixando de ser simplesmente uma organização norte-americana, e estamos expandindo e nos tornando uma organização internacional que reflete o crescimento do Pathwork.

Para atingirmos esta meta, designamos um grupo de trustees de diferentes países com a missão de nos ajudar a efetuar esta mudança. No momento, os membros deste grupo são: Amanda van Boven (Suíça), Barbara Azzara (Estados Unidos), Beita Arechavaleta (Uruguai), Cath-

erine Karas (Estados Unidos), Donna Gray (Estados Unidos), Gloria Costa (Brasil), Graca Casarsa (Brasil), Gustavo Monteiro (Brasil), Lilian Trebilcock (Brasil), Louise Stevenson (Canadá), e Peg Humphrey (Estados Unidos). Claudia Boatti (Argentina), Jan de Reiter (Holanda), e Paul Czempin (Alemanha) faziam parte deste grupo inicial, mas agora não fazem mais. Lorraine Marino (Estados Unidos) também deixou de fazer parte do grupo de trustees, mas continua trabalhando conosco como consultora, oferecendo sua experiência e sabedoria nos ciclos de vida dos grupos. Zoe (anteriormente Lisa) Willow é nossa administradora. No nosso último encontro, Barbara, Gloria, Donna e Louise tornaram-se trustees permanentes, assim o número de trustees fixos passou a ser seis.

A idéia de criarmos um grupo de trustees interinos surgiu em um encontro com líderes do Pathwork que aconteceu na cidade de Nova York, no inverno de 2004. Neste encontro, líderes de diferentes países se juntaram em busca do significado espiritual de termos apenas dois trustees da Fundação naquela ocasião. Nós nos orgulhamos no processo de buscar esta resposta e, diante do desconhecido, percebemos que era necessário acabar com a velha Fundação e criar uma nova. A idéia dos trustees interinos para lidar com esta transição surgiu neste encontro.

Desde então, após várias convocações para reuniões, os trustees interinos tiveram três encontros, nos quais eles se reuniram: uma vez no Rio de Janeiro em julho de 2005, uma vez na Holanda, em janeiro de 2006, e outra em Mahwah, em Nova Jersey, em setembro de 2006. Em cada um destes encontros tivemos um evento no qual nos reunimos com pessoas do Pathwork da região. Era sempre emocionante encontrar estas pessoas de diferentes partes do mundo e trocar idéias, velhas e novas. Nós estávamos gratos e nos sentíamos encorajados com as possibilidades que estes encontros proporcionavam, e ao mesmo tempo estávamos ansiosos para nos conectarmos com pessoas de outras regiões do Pathwork em outros eventos futuros.

O Pathwork, que começou com um pequeno grupo que se reuniu com Eva quando ela iniciou as palestras em Nova York, agora estava criando raízes em muitos outros países pelo mundo afora. Com o objetivo de refletirmos sobre este crescimento, a Fundação Internacional deve ser como um amálgama de diferentes culturas. Esta é uma tarefa assustadora.

No intuito de concretizarmos esta tarefa da melhor forma possível, nós queremos saber o que está acontecendo no Pathwork da sua região, e ouvir o que você tem a dizer e saber como a Fundação Internacional do Pathwork pode apoiar você e sua comunidade. Nós estamos idealizando uma Fundação que sirva como um órgão receptor que contenha as aspirações do Pathwork no mundo todo, oferecendo uma maneira de nos conectarmos e facilitando a interação entre os membros das diferentes regiões. Nosso desejo é de termos um senso de comunidade mundial, no qual as idéias e também as dificuldades possam ser compartilhadas, e no qual possamos apoiar uns aos outros.



Primeiro plano, da esquerda para direita: Donna Gray, Caherine Karas, Gustavo Monteiro, Barbara Azzara, Glória Costa. No fundo, da direita para a esquerda: Graça Casarsa, Louise Stevenson, Amanda van Boven, Beita Arechavaleta, Zoe Willow. Não aparecem na foto: Lilian Trebilcock & Peg Humphrey.

(Continuação: Trustees Interinos)

Há várias tarefas que a Fundação deve executar, e estas tarefas estão sendo revisadas à medida em que a comunidade do Pathwork está crescendo e se modificando. No momento, na prática o Pathwork está antes de mais nada envolvido com a manutenção das palestras na íntegra através da adoção de marcas registradas e da implantação dos direitos autorais no mundo todo. Nós também estamos envolvidos com a busca da qualidade das traduções das palestras em diferentes línguas, e também com a implantação da editora e do Website do Pathwork. Além disto, nós oferecemos um espaço para as conferências internacionais que agrupam pessoas ligadas ao Pathwork do mundo todo. Nos últimos meses temos estado bem conectados com o Pathwork do México, que vai sediar a próxima conferência internacional, marcada para acontecer em Ixtapa em março de 2007. Estamos bem animados com o tema que eles escolheram: “Construindo pontes no caminho”, que está bem de acordo com o que a Fundação pretende alcançar.

Também sentimos uma necessidade espiritual de manter a chama do Pathwork. Queremos manter o espírito do Pathwork forte e vital no mundo todo – e ajudar a reacender a chama onde ela parece estar se apagando. Para atingirmos bem esta meta, nós precisamos de sua ajuda. Queremos saber seus comentários, perguntas e sugestões para a Fundação. Esperamos que você se comunique conosco.

Com amor,
Catherine Karas,
em nome dos Trustees Interinos



ENTREVISTA COM AMANDA VAN BOVEN, PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO DO PATHWORK, *feita por Donna Gray*

Na Conferência Internacional do Pathwork no Brasil, em agosto do ano passado, você mencionou que a Fundação está passando por um período de transição e “vazio”. Você pode explicar como isto ocorreu? O que tem acontecido desde agosto do ano passado?

Eu me afiliei à Fundação em 2001 com um sentimento de que eu estava sendo acompanhada de mudança. Aos poucos foi tornando-se claro para mim que a Fundação não estava atendendo as necessidades e anseios das pessoas envolvidas com o Pathwork no mundo. A maioria do tempo e da energia (no meu ponto de vista) estava sendo utilizada para tratar de regulamentos, contratos, conflitos regionais e etc.

“Acreditamos que, aprendendo a nos encontrarmos a partir de nossos corações, respeitando nossas diferenças de caráter, de cultura e de idioma, traremos mais vida e paixão ao Pathwork, e o ajudaremos a crescer.”



Tornou-se cada vez mais evidente que o Pathwork mundial precisava de atenção e de um recipiente, para que pudesse crescer. Ele precisa de algo que o faça crescer. Quando Ana Maria deixou a Fundação e foi aberta a vaga para a presidência, eu lutei contra a minha vontade de dizer “não” por muito tempo antes de aceitar o convite e tornar-me presidente. Finalmente aceitei a posição com um “sim” profundo e apaixonado, quando percebi que enfrentaria o desafio através da criação de um modelo Internacional do Pathwork, partindo do que foi deixado por Ana Maria. O que esta tarefa realmente significa está tornando-se claro aos poucos.

Depois que Ana Maria demitiu-se em julho, ficaram apenas três trustees. No final daquele ano (2003) Sonia Gluckman, uma das três administradoras, também partiu e restaram apenas Catherine e eu. Nós sabíamos que precisávamos de ajuda. Nós decidimos organizar um encontro entre alguns líderes do Pathwork para preencher este vazio com o que estava faltando.

(Continuação: Amanda van Boven)

Nós chamamos este encontro de “reunião de inspiração”. Líderes do Pathwork de diversas partes do mundo se reuniram em NYC e nós trabalhamos juntos para descobrirmos o que achávamos que era necessário para o próximo passo. Nós criamos um vazio em nós mesmos deixando de lado todas as imagens, ideais e expectativas, e abrindo um espaço para algo novo que iria surgir. Este parecia ser o aspecto mais importante: ficar no terreno desconhecido, sentindo o espaço vazio sem tentar preenchê-lo, mas permanecer neste espaço através de meditação e oração.

Este vazio, ou este espaço vazio, é o que eu procurei trazer comigo para a Conferência Internacional no Brasil. Devido a questões familiares, Catherine não pôde participar da Conferência Internacional. Mas eu senti como este espaço vazio e este silêncio ressoaram entre os participantes. A necessidade de mudança foi expressa repetidamente. Tornou-se claro que este espaço era necessário para deixar que tudo fluísse e que Deus estivesse ali conosco. Para nos dirigir e nos libertar de nossas vontades. O lado receptivo desta experiência precisou ainda de mais espaço e tempo dentro do Pathwork durante este processo. Também tornou-se claro que isto não era fácil para todo mundo e nós precisávamos de estabelecer limites quando nos sentimos pressionados. Nós sabíamos que pressionar a corrente que surgiu desta experiência não daria ao Pathwork a inspiração e os meios globais que ele precisa e merece.

No último dia da Conferência, as pessoas escreveram em um pedaço de papel o que elas estavam dispostas a contribuir para a Fundação e em seguida elas colocaram este papel em um recipiente no centro de um círculo. Como isto tem sido acompanhado? As pessoas já começaram a fazer algumas das coisas que elas ofereceram para fazer?

A maioria das propostas eram relacionadas ao comprometimento através de meditação e oração para o Pathwork pelo mundo, e relacionadas ao desenvolvimento do processo individual, através do compromisso de aprender Inglês (ou melhorá-lo), e também havia ofertas mais concretas de trabalho, nas quais alguns se comprometeram a trabalhar por um determinado número de horas pela Fundação, de diversas formas, como por exemplo se prontificando a fazer tradução quando necessário. Só para dar um exemplo concreto de uma oferta: Michael Roblee tem sido meu instrutor desde setembro do ano passado me ajudando com o meu papel como presidente da Fundação, e ele realmente me leva a exercer este papel nesta função, quando ele me ajuda a encarar meu medo, meu eu inferior e com isto me ajuda a encontrar minha sabedoria e a trazê-la à tona. Através disto e de todas as demais ofertas nós fomos inspirados a criarmos um grupo de administradores associados para nos guiar nesta transição da criação de um espaço verdadeiramente global para o Pathwork. Catherine e eu meditamos e deixamos que as pessoas viessem, e nós deixamos que elas decidissem caso quisessem se unir a este grupo de administradores associados. (13 pessoas nos deram uma resposta positiva).

Como você vê o rumo da Fundação no futuro? Qual será o papel da Fundação no Pathwork Internacional?

O papel da Fundação no futuro será determinado por pessoas ligadas ao Pathwork no mundo todo. A formação do grupo de trustees interinos é o primeiro passo na criação de um diálogo entre todas as pessoas ligadas ao Pathwork no mundo, para que possamos ouvir profundamente as necessidades e desejos de todos e, com sabedoria e clareza, deixar que algo mais concreto tome forma e surja deste processo. Uma parte importante para nós é continuar neste caminho, para que não criemos algo que obstrua o fluxo da força vital.

Catherine e eu estamos mantendo este espaço, estamos imersas neste vazio criativo, apoiando-o há um ano e meio. Agora é um grande alívio termos o apoio deste dedicado grupo de administradores associados. Nós tivemos um encontro no Rio de Janeiro em julho onde realmente nos comprometemos a estarmos juntos para desenvolvermos esta tarefa. É muito bom ter tantas pessoas de diferentes países e nacionalidades envolvidas e apoiando este processo.

Para nós tornou-se claro em nosso encontro no Rio que a criação de um espaço mundial está nos ajudando a apoiar a cura de divergências tanto nacional quanto internacionalmente. Acreditando que, aprendendo a nos encontrarmos a partir de nossas diferenças de caráter, de cultura e de idioma, traremos mais vida e paixão ao Pathwork e o ajudaremos a crescer.

PERFIL DE AIDDA PUSTILNIK, FUNDADORA DO PATHWORK NO BRASIL

Entrevista feita por Donna Gray

(Nota do editor: *Quando eu conheci a Aidda Pustilnik enquanto estava trabalhando no jardim do Centro do Pathwork em Phoenicia, no verão de 1990, eu não tinha a menor idéia de que ela era uma renomada psicóloga e líder de workshops no seu país de origem, Brasil. Ela era calorosa e tinha um coração aberto, como vários brasileiros que conheci desde então, e foi um prazer conhecê-la mais durante o ano em que ela viveu na área de Nova York. Durante algum tempo nós estávamos no mesmo grupo de estudos das palestras de Judith Sally, e ela ficou comigo por alguns meses no meu apartamento no Brooklyn. Mal sabia eu que aquela era a mulher que traria o Pathwork para o Brasil de forma tão poderosa. Abaixo segue uma conversa que tive com Aidda para saber da história completa de como isto ocorreu.*)



Como você descobriu o Pathwork ?

Em 1980, ao final de fevereiro e início de Março, eu fui para Nova York. Eu fui procurar John Pierrakos, e ver o Core Energetics. Eu estava interessada em conhecer alguns cursos. Foi então que conheci o lugar onde ele atendia, situado no The Center in the City, na E. 78th Street, em Manhattan. Molly Gallon, que era a secretária de John, me recebeu. Eu não conhecia o Pathwork, apenas o Core. Eu trabalhava basicamente como psicóloga naquela época. Assim, Molly me recebeu e, com o pouco de Inglês que falava naquela época, mencionei que estava interessada em Core Energetics e que eu queria comprar alguns livros. Ela me mostrou o local, me recebeu com muito amor, me convidou para passar a tarde lá e me contou sobre o Centro de Phoenicia. Ela me falou sobre as palestras, me mostrou algumas e eu comprei muitas delas. Naquela época eu não pude ir ao Centro porque eu tinha que participar de alguns workshops na Califórnia. Assim eu parti para a Califórnia com as minhas palestras. Como John Pierrakos estava viajando, eu não o conheci. Logo depois, eu li as palestras mas não pude mais retornar a Nova York. Eu voltei aos Estados Unidos após 10 anos, quando fui participar do workshop introdutório com Barbara Brennan em Long Island, na residência dos Hamptons. Assim que cheguei lá, vi que havia duas palestras sendo oferecidas, uma sobre a escola de Barbara Brennan e outra sobre o Pathwork. Judith Saly estava vendendo o primeiro livro do Pathwork. Então falei com a Judith sobre o meu crescente interesse em saber mais sobre o Pathwork. Judith disse que no dia seguinte haveria um pequeno encontro do Pathwork, e então decidi comparecer. Falei que estava muito interessada no Pathwork e que queria ir ao Centro em Phoenicia, e Judith foi muito amável. Ela realmente foi. Disse-me que a qualquer momento que eu quisesse conhecer o centro ela providenciaria o que fosse necessário para a minha estada em Phoenicia. Após o workshop eu voltei a NY e lhe telefonei. Eu tinha que esperar um mês para começar o curso de Barbara Brennan, assim durante esse período eu fiquei em Phoenicia ajudando com o trabalho na cozinha e com a limpeza da casa. Naquela época meu Inglês era muito limitado, mas eu compreendia a língua muito bem. Foi interessante, porque às vezes as pessoas conversavam comigo achando que eu não conseguia entendê-los, mas na verdade eu entendia. Foi realmente uma experiência maravilhosa e eu adorei a chance de estar lá. Depois disto eu decidi fazer o primeiro ano do Grupo de Estudos das Palestras. Eu não podia ficar mais no Centro porque tinha alguns amigos em Connecticut, e tinha me comprometido a ficar com eles lá e ajudá-los a tomar conta dos filhos. Assim, no primeiro ano eu fiquei lá com eles, mas ia ao Centro uma vez por mês para assistir às aulas e fazia estudos de palestras com Judith Saly, em NY. Depois eu morei com Donna Gray no Brooklyn, por 3 meses. Quando terminei o primeiro ano de estudo das palestras, foi realizada uma cerimônia de compromisso para as pessoas que iriam continuar o curso no ano seguinte. Esta cerimônia me tocou muito. Durante a meditação, eu percebi que meu compromisso era trazer o Pathwork para o Brasil. Contudo, eu não sabia como falar isto claramente, então eu pedi que alguém escrevesse esta mensagem para mim em um papel. Então a pessoa com quem falei me perguntou: "Você está louca? Você sabe o que você

(Continuação: Aidda Pustilnik)

está fazendo?” E eu disse “Sim, eu acabo de ter essa intuição, e eu sempre sigo a minha intuição”. Assim, quando chegou a minha vez, eu fiquei de pé na sala e li o meu papel. Eu disse que o meu compromisso era o de trazer o Pathwork para o Brasil. Todos ficaram me olhando, aturdidos. E Margit, a líder espiritual, ficou me olhando. Houve um belo silêncio na sala. Afinal de contas, eu estava participando do Pathwork há apenas 1 ano. Ela também se conectou com sua guia e, após 2 ou 3 minutos, me olhando, ela disse que tinha recebido uma mensagem e sabia que o que eu dizia era verdade, e que ela estava de acordo comigo. Foi muito bonito, porque logo em seguida ela dirigiu-se a uma mesa onde havia fitas verdes que ela estava dando a cada um dos professores, e de repente ela pendurou uma delas no meu pescoço. Eu não compreendi muito bem o que estava acontecendo, mas aquilo significou muito para mim. Quando eu tenho uma intuição, eu sou aquele tipo de pessoa que a segue sem pensar duas vezes. Eu nunca me preocupo com o trabalho envolvido no processo. Sempre fui muito protegida quando tinha que seguir minha intuição e fazer o que era necessário para completar uma determinada tarefa. E sempre sou guiada e recebo muita ajuda. Eu acredito que se acreditamos naquilo que devemos fazer e agimos de acordo com a nossa verdade, temos toda a proteção e ajuda que necessitamos. Judith me ajudou e me supervisionou muito. No segundo ano do curso da Barbara Brennan eu não pude permanecer mais nos Estados Unidos. Voltei para o Brasil para trabalhar, por isto não pude continuar o estudo do Pathwork. Toda vez que eu retornava a Nova York para as aulas com Barbara Brennan, Judith Saly me dava muito apoio. Geralmente eu participava das aulas com Barbara e retornava imediatamente para o Brasil para trabalhar, porém uma vez eu permaneci uma semana a mais para participar da Conferência Internacional do Pathwork, no Pathwork Center em Phoenixia. Isto foi em 1996. Nesta conferência eu contei aos presentes que tinha 100 pessoas estudando o Pathwork no Brasil e que eu precisava de ajuda, mas eles não acreditaram que tinha tanta gente assim. O Donovan Thesenga e a Carolyn Tilove disseram que eles gostariam muito de ir ao Brasil e acompanhar isto de perto. Outras pessoas disseram que “talvez” fossem. No ano seguinte Donovan foi ao Brasil pela primeira vez.

Conte-me sobre a sua experiência com o Pathwork nos Estados Unidos. Como foi ser uma estudante do primeiro ano em Phoenixia? Foi muito difícil para você conciliar isto com seu trabalho como professora no Brasil?

Como já lhe disse, foi uma experiência maravilhosa. Lá eu era uma incógnita e podia ficar muito à vontade. Trabalhei muito minhas máscaras e o meu “eu inferior”.

Conte-me como você trouxe o Pathwork para o Brasil.

Depois que eu voltei, eu sempre tinha muito trabalho no Brasil. A sede do meu trabalho era na Bahia. Eu escrevi para minha secretária e lhe pedi que organizasse dois grupos para mim. Então ela começou com dois grupos de estudos do Pathwork. Pelo fato de estar trabalhando permanentemente no Brasil, era fácil conseguir reunir os grupos. Não eram apenas grupos do Pathwork. Eu trabalhava com outros grupos também. Eu reiniciei meus trabalhos novamente, mas começamos com dois grupos do Pathwork, cada um com vinte pessoas. Em dois meses eu tinha quatro grupos, e em três meses havia cinco, cada um com vinte pessoas. Eu disse para mim mesma, “eu não posso ficar com 100 pessoas, porque eu tenho outros trabalhos para desenvolver”. Mas eu segui a minha intuição de que o Pathwork era necessário no Brasil, e decidi ir adiante com isto. Um ano depois que os grupos haviam iniciado, eu fui para a conferência em Phoenixia. Um ano mais tarde o Donovan foi ao Brasil. A Judith disse a ele: “Se você for ao Brasil, veja como está o grupo lá, porque ele já tem 100 integrantes”. Justamente no dia em que Donovan desembarcou no Brasil, eu havia marcado um encontro com o grupo para celebrar a Cerimônia de compromisso. Parece que Deus estava a nosso favor, trabalhando conosco. Foi muito bonito. Então eu disse a ele: “Hoje nós estamos fazendo a primeira cerimônia de Compromisso, e por isto eu quero que você participe e faça isto comigo. E assim, um por um, 100 pessoas fizeram o compromisso. Donovan se apresentou como representante da Fundação e fez o compromisso de me ajudar sendo o professor responsável pelo treinamento no Brasil. Para o Donovan, era muito tocante também ver a realidade do que estava acontecendo, e foi emocionante para ele poder começar o treinamento.

Quem estava na primeira classe?

(Continuação: Aidda Pustilnik)

De Salvador os participantes eram: Arminda D´Alva; Aidda Pustilnik; Claubete Nóbrega; Dalva Prado; Eloísa campos; Fatima Macedo; Maria Fernanda Nascimento; Inah Maria Santos; Licia Magalhães; Lourdes Santos; Lucia Portugal; Rino Marconi; Paulo Oliveira; Rita Oliveira; Rita de Cássia Brasil; Sandra Bonfim; Tereza Ollero ; Tereza Martins; Ludevine Santana; Maria da Glória Costa; Márcia Alameida; Laura Cardoso; Iracema Andrade; Maria das Graças Matos; Kátia Bastos.

De São Paulo participaram: Ana Maria Gavazzi; Lurdes Gaspar; Theda Basso.

De Brasília: Gilda Maia Vasconcelos.

De Porto Alegre: Renate Caminha.

De Belo Horizonte: Regina Lacerda.

E de Buenos Aires (Argentina): Claudia Boatti.

Nós começamos o treinamento e fizemos sete anos até concluirmos o curso e nos tornarmos “helpers”. Era uma situação muito peculiar e interessante, porque depois de ensinar os fundamentos do Pathwork a eles por 2 anos, eu me tornei uma estudante junto com meus próprios alunos. Nós fizemos 4 anos do curso na primeira fase do treinamento. E depois mais 3 anos para nos tornarmos “helpers”. Nos primeiros 4 anos Susan e Donovan eram os coordenadores do treinamento, mas os dois também trouxeram com eles vários outros ótimos professores. Foi uma experiência muito bonita. Nos últimos 3 anos do programa para formação de ajudantes Caroline Tilove era a nossa coordenadora. Eu sou muito grata a Donovan e Susan por tudo que eles fizeram. Eles passaram oito meses morando na Bahia e nos ajudando. E eles ajudaram muito e foi muito bonito. Agora o Pathwork está espalhado por todo o Brasil, Argentina e Uruguai. Nós temos todos os livros traduzidos em Português. O único trabalho que faço em Pathwork atualmente é no treinamento de professores - duas vezes por ano eu dou uma aula para a formação do Programa de transformação pessoal do Pathwork. Atualmente, em minha cidade, eu tenho apenas um grupo do Pathwork pois a minha escola, chamada Dinâmica Energética do Psiquismo, cresceu muito e não posso me dedicar ao Pathwork tanto quanto eu gostaria. A estrutura didática da minha escola é diferente da do Pathwork, mas os fundamentos são os mesmos. Nós trabalhamos com os corpos físico e sutil.

Por que você acha que o Pathwork ficou tão popular no Brasil?

É muito simples. O Brasil é um país onde as pessoas são muito ligadas ao lado espiritual. É muito comum para nós falarmos com espíritos e receber orientação. Nós nunca duvidamos disto. Assim, os fundamentos das palestras estão de acordo com o que nós pensamos. As palestras são muito bonitas. E elas tocam os corações dos brasileiros e os brasileiros gostam de estudá-las. Muito mais do que nos EUA ou na Europa. Os professores da primeira fase do treinamento eram pessoas com quem eu já tinha trabalhado porque eu viajo muito. Os brasileiros conhecem a base do Pathwork porque eles estudam o espiritismo a fundo. Eu disse ao Donovan que nós não podíamos ter apenas pessoas da Bahia, então eu convidei pessoas de outras partes do Brasil, e também uma pessoa da Argentina. Estas eram pessoas que eu já conhecia e que eram excelentes alunos e professores. E eles fizeram parte da primeira turma de treinamento de professores no Brasil.

Como foi a experiência de ter trazido o Pathwork para o Brasil?

Foi um grande aprendizado. Mas como já lhe disse, quando alguém segue a intuição do “Eu Superior”, também recebe toda a ajuda que se pode imaginar em todos os sentidos. Quero agradecer a minha amiga Eneida Sanches, que nos ajudava a traduzir o material dos primeiros anos de nosso trabalho e tornou-se a tradutora do primeiro grupo formado no Brasil. Foi uma ajuda imensa que tivemos. Sou grata a você Donna, por registrar a história da vinda do Pathwork para o Brasil.



Seguem abaixo relatos do trabalho realizado no Brasil nas diferentes regiões onde o Pathwork atua, escritos pelos líderes de cada uma delas. Todas estas líderes fizeram parte da primeira turma de treinamento do Pathwork organizada por Aidda Pustilnik em Salvador.

PATHWORK – MINAS GERAIS, *por Regina Lacerda*

Como me foi dada a oportunidade de contribuir para o Boletim Internacional do Pathwork, gostaria de compartilhar com vocês algumas informações sobre o Pathwork em Minas Gerais. Iniciei o primeiro grupo do Pathwork em Belo Horizonte, nossa capital, em agosto de 1994, quando ainda estava participando do primeiro grupo de treinamento de “Helpership” em Salvador.

Atualmente, somos 3 “Helpers” em Minas. Maria de Fátima Almeida e Regina Brostel concluíram o programa de “Helpership” no ano passado. Há ainda duas Facilitadoras do grupo de estudos das palestras: Carla Eboli e Ivone Damas, que agora também estão cursando o chamado “Helpership”. Nossos Grupos do Pathwork totalizam, hoje, algo em torno de 300 participantes. Entre eles, 26 estão também integrados às turmas dos chamados Programas de Transformação do Pathwork, conduzidos em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Salvador. Dentro de pouco tempo, alguns destes participantes estarão habilitados a constituir grupos de estudo do Pathwork, sob supervisão.

Durante estes 12 anos tivemos também a felicidade de receber pessoas ligadas ao Pathwork de outras regiões para Minas Gerais. Aidda Pustilnik, que iniciou o Pathwork no Brasil, veio para dar uma palestra em nossa comunidade. Também recebemos como palestrantes Donovan Thesenga, Carolyn Tilove, Kim Rose e Brian O’Donnel. Depois da conferência em Angra dos Reis ficamos felizes ainda com a visita de Donna Gray, que nos honrou com sua participação no workshop conduzido por Brian.

Através do nosso trabalho, estamos espalhando sementes em nossa comunidade. Entre nosso grupo (Carla, Ivone, Maria de Fátima, Regina Brostel e eu) todas nós sentimos a cada dia a presença e a luz divina do Pathwork, que nos serve como guia. Desta forma, nosso trabalho torna-se mais leve, uma vez que estamos envolvidas nesta atmosfera de amor criada ao nosso redor.



PATHWORK – BRASÍLIA *por Gilda Maria Vasconcelos*

O Pathwork cresceu muito rápido aqui em Brasília. Eu abria um novo grupo a cada semestre, com mais ou menos umas 15 pessoas, algumas desistiam e outras persistiam. Assim que meus alunos começaram a fazer Formação, mais grupos de estudo foram surgindo. Foi muito bonito poder presenciar as pessoas se transformando dentro do Pathwork. Me sentia privilegiada, porém para mim não foi uma tarefa nada fácil ser líder por tanto tempo. Eram muitas pessoas que chegavam e eu me abria a recebê-las.

Os atuais helpers, além de mim são: Eloísa Prata da Silva Lopes; Irene Moreira Taitson; Flávio Vervloet; Mônica Soneghet Melchior. As que estão fazendo o curso de helper são: Djanira Cavalcante Ribeiro, Maria Lúcia Teixeira Rosa e Rita de Cássia de Castro. Rita faz parte de nosso Conselho, mas mora em Goiânia, capital do estado onde está o DF, Brasília. *(Nota do Editor: Desde a realização desta entrevista, Rita de Cássia*

(Continuação: Pathwork Brasília)

concluiu seu programa de treinamento como Helper)

Uma vez ao mês é realizada uma palestra aberta ao público, cada vez com um facilitador. Temos reuniões mensais ou bimensais do Conselho Regional (Chapter). Comemoramos os 10 anos de Pathwork em 2004, com toda a comunidade do Pathwork. Cada facilitador costuma fazer encontros com todos os seus alunos no final do ano, para fechar o trabalho, mas não temos feito encontros com toda a comunidade de forma regular.

Nesse momento eu sinto que meu compromisso com o Pathwork vai até julho de 2006, quando encerra o curso do Programa de Transformação de Brasília. Estou me preparando para deixar a liderança para outro helper, no caso a Eloísa. *(Nota do Editor: Esta transferência de liderança já ocorreu.)*



PATHWORK – PORTO ALEGRE – O COMEÇO

por Renate Caminha

O Pathwork chegou até mim através de Aidda Pustilnik num dos momentos de maior instabilidade da minha vida, onde eu tinha acabado de deixar uma carreira bem sucedida na área da comunicação e não sabia o que fazer profissionalmente. Eu me encontrava num vazio existencial e financeiro e a lógica racional dizia que a última coisa a fazer era assumir compromissos financeiros de longo prazo. Mesmo assim, quando Aidda me convidou a fazer a Formação que iniciaria em Salvador, á mais de 3000 km de distância da minha casa, minha alma gritou sem nenhuma dúvida: Sim, eu quero! Cheguei no primeiro módulo sem nunca ter visto nada de Pathwork antes, mas tudo que era falado ali parecia que sempre havia estado dentro de mim, é como se eu estivesse só relembrando.

Em 1994 comecei a formar grupos de Estudo do Pathwork e em pouco mais de um ano já tinha 7 grupos reunindo mais de 100 pessoas. Em 1995 fui convidada a dar workshops em Montevideo/Uruguai passando a ir a cada dois meses para lá durante mais de 3 anos. Aos poucos eu ia sentindo que mais pessoas precisavam espalhar estes ensinamentos e foi então que consegui que Carolyn Tilove aceitasse coordenar uma Formação de Pathwork em minha cidade o que acabou reunindo também pessoas do Uruguai e Argentina.

No ano de 2000 lançamos um programa voltado para jovens adultos, intitulado Projeto Religare – resgatando a antiga sabedoria, jovens criam uma nova Terra. Durante 3 anos consecutivos mais de 60 jovens participaram do projeto e agora disseminam estes conceitos nas áreas de trabalho que começam a desenvolver.

Atualmente somos 26 profissionais credenciados a Facilitar Grupos, 18 deles estão com Grupos de Estudos, numa comunidade com mais de 300 alunos.

Este ano lançamos um ciclo de palestras gratuitas intitulado: A Dificil Arte de Amar e se Relacionar, oportunizando a que pessoas da comunidade em geral possam receber um pouco dos ensinamentos do Pathwork e abrir sua visão sobre a vida. A primeira palestra com o tema: O Medo e o Desejo de Amar tinha mais de 200 pessoas assistindo.

Em abril passado iniciamos uma nova Formação com um grupo de 35 alunos e ano que vem 27 pessoas estarão concluindo o Helper.

Lembro agora de uma imagem que me veio em 1998 num workshop introdutório da 1ª Formação em Porto Alegre, quando Carolyn conduzia uma meditação: me apareceu a imagem de uma melancia. Eu achei que era minha mente com pensamentos intrometidos querendo me desviar do foco. Eu mandava a melancia embora e ela voltava. Até que me rendi e perguntei o que ela estava querendo me dizer, ela então se partiu ao meio deix-ando a mostra o seu interior vermelho cheio de pontinhos escuros. Veio então a mensagem: para ser grande é preciso muitas sementes.

(Continuação: Porto Alegre)

Somos “pessoas sementes” fertilizando a Terra para um novo ciclo. O que para mim é fundamental é estarmos focados na tarefa de espalhar os ensinamentos do guia, seja fazendo grupos de estudos, palestras abertas, levando o Pathwork como uma filosofia de vida para escolas, empresas, locais públicos, distribuindo as palestras pela Internet.... ajudando mais e mais pessoas a expandirem a consciência, a assumirem o seu poder pessoal e confiando na capacidade de criar uma nova terra.



PATHWORK – RIO DE JANEIRO

por Gloria Costa

Eu nasci no Rio de Janeiro, onde vivi a minha primeira infância. Até 8 anos atrás, já adulta, nunca havia morado no Rio novamente. Voltei, trazendo comigo os conhecimentos do Pathwork, na bagagem do meu coração. Tem sido então, um processo de “Voltar para Casa” em muitos sentidos. Estar neste foco, tem sido a grande motivação de acompanhar tantas pessoas em re-descobrir o Caminho de “voltar para casa”, e a reciprocidade tem sido extraordinária!

O sentimento que me envolve, e de estar em família, co-criando um lar de fraternidade e confiança. E essa energia tem se irradiado, multiplicando-se.

Nos primeiros 4 anos, havia um “estar só”, sem sentir solidão. Era, então a única a liderar grupos de estudo, Helper para os processos emocionais, e supervisora das outras 4 colegas que ainda se preparavam na Metodologia do Pathwork. Hoje, já somos 5, cada uma com seus diversos grupos. Em 20 de outubro de 2005, a 1ª turma do treinamento PPTP-Rio, estará sendo concluída, onde 33 novas pessoas se preparam para estar irradiando os ensinamentos do Guia. Já temos uma segunda turma em treinamento, com mais 23 pessoas.

O Pathwork-Rio de Janeiro, neste instante, é como uma mãe que se prepara para ter a família aumentada, gestando tri-gemeos! E uma célula gestando. Uma gestação compartilhada.

Na liderança regional, nem sempre tudo são só flores. Temos caminhado no propósito da auto-revelação amorosa. E sempre tráz muito crescimento, depois que o furacão passa. E me entrego com paixão, acolhendo o que é POSSIVEL. Sinto o Pathwork Brasil, como a expressão do novo, da juventude-em termos de tempo cronológico e bem jovem a sua existência, em relação a outros pontos do planeta onde o Pathwork se manifesta. E a Regional do Rio de Janeiro, tráz esse “clima jovem” para a riqueza dos ensinamentos do Guia, com alegria, prazer e confiança no futuro, honrando os seus antepassados, que, onde quer que estiveram e/ou estão, fundamentaram essas bases.

Com um abraço fraterno,
Gloria Costa





PATHWORK – SÃO PAULO

por Ana Maria Baptista Gavazzi

Lembrar nossos primeiros grupos de Pathwork, é sempre uma grande emoção. Éramos ainda inexperientes, e não tínhamos professores residentes em nossa cidade para dar supervisão.

A exigência de minha auto imagem idealizada era ainda muito grande, então foi necessária coragem para iniciar o primeiro grupo onze anos atrás, em parceria com Lurdes Gaspar. Quando vejo nossa comunidade hoje, não me parece ser tão jovem. São 138 alunos de Pathwork das Formações em SP, sendo 74 alunos de formações exclusivamente nacionais. Foi iniciado no ano passado o quarto Programa Pathwork de Transformação. O currículo utilizado é unificado em todo o Brasil para possibilitar reposições de módulos perdidos e mudanças de um estado para outro. Os Helpers e Facilitadores de São Paulo, já licenciados, têm cerca de 300 pessoas participando de grupos de estudos de Pathwork.

Tivemos a alegria de receber 210 pessoas no ano passado no encontro Internacional, e o resultado do trabalho lá iniciado sobre Pathwork nas diferentes áreas já esta se desenvolvendo. Estamos formando comitês encarregados de partilhar as experiências feitas trabalhando com o material do Pathwork em diferentes grupos de nossa sociedade. A necessidade de trabalho social esta sendo priorizada, porque nossa capital, população de 16 milhões de habitantes, como toda mega-metropole apresenta problemas sociais. Fazemos palestras mensais gratuitas, para quem não pode assumir o custo de um grupo e esse foi o primeiro passo. Temos Facilitadores trabalhando como doação em comunidades pobres, com crianças problema, prostitutas, idosos; é comovente ver os resultados e o entusiasmo destes Facilitadores.

Estamos também formando a segunda turma em Core Energetics, no Instituto de Core Energetics fundado por John Pierrakos em São Paulo, com aproximadamente 30 alunos cada turma. O Core tem sido muito procurado por helpers e facilitadores como complemento para sua formação, bem como por profissionais de outras áreas para desenvolvimento pessoal.

A comunidade de São Paulo é portanto bastante ativa e nos sentimos muito gratos por isso. Estar no Pathwork é sem duvida um caminhar continuo, muitos desafios que convidam para o crescimento, mas também muita alegria e gratificação.

PATHWORK - BAHIA

por Lucia Portugal

A Regional Bahia dispõe hoje de 20 helpers e 7 facilitadores graduados. Nem todos coordenam grupos de estudos atualmente. Alguns se dedicam exclusivamente ao seu processo pessoal. Alguns dos helpers da Bahia, formados na primeira geração do Brasil, tem realizado grupos de Pathwork em outros estados como Ceará e Pará.

Hoje contamos com aproximadamente 300 alunos de grupos de estudos, sendo 180 em Salvador, 100 em Belém do Pará e 60 em Fortaleza – Ceará, além de outros grupos no interior da Bahia, num total de mais ou menos 50 estudantes.

Há 5 anos atrás iniciamos um PPTP para alunos do Nordeste do país, cuja coordenação logo foi transferida para a Regional da Paraíba, quando esta tomou forma jurídica. Iniciamos também um PPTP em Salvador, atualmente com 29 alunos no 8º módulo.

Normalmente realizamos uma reunião mensal destinada aos helpers, facilitadores e estudantes do Programa de Transformação Pessoal, associados ao Instituto Pathwork Bahia, criado há 5 anos. Uma vez por ano, normalmente no final do ano, fazemos uma confraternização aberta a todas as pessoas que participam do Pathwork, associados ou não ao Instituto, amigos e familiares. Durante muitos anos realizamos em Salvador, ciclos de palestras abertas ao público, atividade interrompida durante os três últimos anos, porém em processo de retomada.

Nos dias 25 e 26 de novembro de 2006 será realizado o I Encontro Regional de Pathwork da Bahia. O primeiro dia será aberto ao público em geral, com o objetivo de difundir o Pathwork na região. Ofereceremos palestras e pequenas vivências com temas variados visando o auto-conhecimento. O segundo dia será restrito aos participantes do Pathwork. Este dia será destinado a pensar o Pathwork: os acontecimentos e as necessidades, na Bahia, no Brasil e demais regiões do Mundo. O Encontro será encerrado com uma confraternização de Natal, extensiva aos familiares dos participantes.

Agradecemos a oportunidade, com o sentimento de honra por pertencermos a esta grande rede de transformação planetária.

Um abraço carinhoso,

Lucia Portugal

Presidente do Pathwork Bahia

ALGUNS RELATOS DE BRASILEIROS PARTICI- PANTES DO PATHWORK SÃO PAULO

por Marcia Denisa Poças

A cada dia, mais uma pessoa no Brasil atende ao “Chamado” de sua própria alma e reconhece em si a oportunidade e a dávida que é a busca pelo seu verdadeiro EU. É dessa forma que a Comunidade Pathwork de São Paulo tem vivido essa energia de expansão.

Os depoimentos abaixo são de participantes de grupos de estudo do Pathwork em São Paulo da Clínica Alecrim que aceitaram doar seus sentimentos em forma de relatos.

(Nota do editor: Estes comentários foram compilados logo após a conferência de 2004, na Angra dos Reis.)



Adriana Regen, há dois anos no Pathwork:

“Este é um caminho sem volta...”



Cibele Lorenzoni, há 3 semanas no Pathwork:

“O que me chama a atenção são as trocas, as descobertas, como as coisas se processam. O que vivencio no grupo é a troca de sensações ótimas”.

UMA PATHWORKER BRASILEIRA NO JAPAO

por Cecilia Sakai



Márcia Denisa Poças, há 1 ano e 3 meses no Pathwork:

“ O trabalho em grupo tem sido tão produtivo que a energia tem se expandido, e o exemplo mais claro é: a cada progresso de uma pessoa do grupo, todos sentem os benefícios, quando uma pessoa do nosso grupo começou a fazer a revisão diária, dias depois, outros começaram o mesmo movimento, até mesmo em outros grupos...é uma experiência enriquecedora da alma, mente e coração.”



Fabiana H.M. Tichae, há 3 anos no Pathwork:

“ É um caminho libertador, embasado na verdade, que me permite SER eu mesma e compreender melhor a vida. Um instrumento incrível de auto-conhecimento, que me possibilita estar mais perto de mim, dos meus sentimentos, me sentindo mais viva e me aceitando mais. O trabalho em grupo é uma experiência maravilhosa, de troca de vivências, se sentimentos, onde você recebe muito amor e muito colo e se aproxima cada vez mais das pessoas”.



Oi, meu nome é Cecília Sakai, nasci e cresci no Brasil, mas faz 15 anos que vivo em Tóquio, Japão, terra dos meus ancestrais. A primeira vez que tive a informação da existência do Pathwork foi através do livro “Mãos de Luz”, da Barbara Brennan, em 1995. Tive a certeza imediata de finalmente ter encontrado o que vinha buscando desde a adolescência e decidi que um dia eu participaria do programa do Pathwork. O meu sonho se tornou realidade: terminei o meu curso de formação em 2005! Acredito que o meu desejo e a minha determinação de fazer esse curso me ajudaram a criar mais abundância financeira e mais dias de férias, o que me proporcionou a possibilidade de viajar seis vezes ao ano para participar do programa de formação (PTP) na Califórnia.

Quando fui pela primeira vez a Califórnia para participar do curso de formação fiquei encantada ao sentir que as pessoas podiam realmente me entender quando eu lhes relatava as minhas experiências. Senti como se tivesse retornado ao meu país, onde as pessoas falavam a mesma língua. Sinto-me em casa, rodeada de amigos, irmãos e irmãs, sempre que visito a comunidade de Pathwork da Califórnia.

Os ensinamentos do Pathwork me ajudaram a mudar a a minha vida, através da cura dos meus relacionamentos comigo mesma e com os outros. O primeiro relacionamento que consegui curar foi o meu relacionamento com a minha mãe. Eu não conseguia entender porquê eu a tratava como se a odiasse, quando eu me lembrava tão bem que quando criança eu a adorava e era muito apegada a minha mãe. É com muita satisfação que digo que após três anos de trabalho, meu relacionamento com a minha mãe se tornou amoroso e harmonioso novamente. Eu agora consigo amar e aceitar a minha mãe como ela é.

Foi só após a cura do meu relacionamento com a minha mãe que a vida me mostrou que eu precisava curar o meu relacionamento com o meu pai também. Eu acreditava que não havia problema nenhum entre nós, pois apesar da minha raiva e do meu ressentimento por ele ter me espancado violentamente quando eu tinha 9 anos, eu o adorava e o nosso relacionamento parecia ser bom. Foi um choque ao me dar conta que o meu “amor” por ele era apenas uma máscara cobrindo uma enorme raiva e ódio. Levei praticamente os quatro anos de PTP para perdoar o meu pai e finalmente compreender que não fui espancada por ser má, sem valor e indigna de ser amada, mas por ser o meu pai fraco e humano.

O PTP me ajudou também a abandonar a minha competitividade e a minha necessidade de ser melhor que os outros, o que me permitiu melhorar os meus relacionamentos com os meus colegas e superiores. O meu ambiente de trabalho se tornou harmonioso, alegre e agradável.

O que mais sinto falta no Japão é uma comunidade de Pathwork. Embora haja algumas pessoas fazendo o curso de formação nos EUA e na Inglaterra, com a exceção de uma delas, que vive no sul do Japão, longe de Tóquio, todas vivem no estrangeiro. A versão japonesa do livro “O Caminho da Auto-Transformação” será publicada neste ano. Esperamos que essa publicação ajude a criar uma Comunidade Pathwork aqui, no Japão.

Quando soube que a Conferência Internacional do Pathwork em 2004 seria Brazilian Pathworker in Japan

UM OLHAR SOBRE A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL NO BRASIL

por Judith Saly



Sempre que eu penso novamente na Conferência Internacional no Brasil, no ano passado, meu coração se aquece. Eu amei o local, os rostos das pessoas e a camaradagem. O belo pingente que recebemos como presente, na forma de um coraçõzinho, me lembra do lema da conferência: Caminho com o Coração. Eu também admiro todos os detalhes que foram pensados durante a preparação da conferência, em todos os aspectos. Ah, Brasil!

Sempre que leio sobre a conferência em nossas edições regionais, concordo com todos os elogios que são feitos. Mas, há algo faltando nos depoimentos, na minha opinião. Eu nunca vi mencionado nada que pudesse estar, por acaso, faltando. Para mim, o que falta especialmente é a ausência de oportunidade de compartilhar os problemas de nossas regiões com o resto do mundo. Expressar a essência do “Eu-superior” de nossa região é belo, mas e nossas sombras? E as dificuldades pelas quais cada região deve estar passando? Que tal pedirmos ajuda para resolvê-las, ou superá-las? Eu gostaria de ouvir a respeito disto. Falar sobre isto. Mas não houve oportunidade. Por exemplo, as inscrições nos programas do Pathwork em Nova York, minha região, têm diminuído drasticamente nos últimos anos, embora tenhamos excelentes instrutores, um grupo de diretores dedicado e uma equipe de trabalho eficiente. Eu gostaria de ter tido a oportunidade de compartilhar isto, e talvez falar dos meus temores em relação a isto e tentar entender o problema com a ajuda dos outros grupos. Mais do que isto, eu gostaria de ter tido a chance de saber o que está acontecendo em outros lugares, como por exemplo, em Gana. Eu não pude acreditar no que ouvia, quando Asiama Bekoe disse que a África está na luz, que a África é a luz. Esta não é a maneira como eu vejo a África, um continente imenso e cheio de problemas, onde o genocídio está fora de controle. Eu gostaria que ele tivesse explicado o que ele queria dizer com aquilo. Ele estava se referindo ao exemplo de Nelson Mandela ou ao Arcebispo Desmond Tutu? Ou a o quê? Mas não houve tempo de perguntar. Eu também gostaria de ter ouvido sobre o que está acontecendo nas diversas regiões de Pathwork no Brasil. Há problemas dentro das regiões ou entre elas? Algum choque de personalidades que talvez nós, participantes, pudéssemos ter ajudado a resolver? Quais são os problemas atuais na Holanda, na Alemanha, ou na Itália, se existem? Ou, de volta à América, eu gostaria de ter ouvido um relato sobre o nosso único centro, em Sevenoaks, que é um refúgio espiritual. Há algo que a região do Meio-Atlântico gostaria de ter dividido com o restante de nós? Ou o Pathwork na Califórnia, ou algum outro?

Estando aqui na terra, nós podemos assumir com certeza que sempre teremos problemas para resolver, e na verdade isto é excitante. Por que é através deles que crescemos. Não há nada de vergonhoso em às vezes perdermos a fé, nos sentirmos frustrados, ou até mesmo, termos questionamentos sobre os ensinamentos do Guia. Se o Guia não tivesse declarado que deveríamos questionar tudo e aceitar apenas o que tem ressonância em nossas almas, eu duvido que tivesse me envolvido tanto com o Pathwork. Sou uma pessoa que questiona. Por exemplo, sou a única que questiona os ensinamentos do guia em relação à homossexualidade? Eu teria adorado algumas discussões sobre isto.

Muitos helpers enriqueceram sua prática através do estudo de outras disciplinas espirituais/psicológicas. Por exemplo, não foi maravilhoso e uma fonte de cura o trabalho de Hellinger desenvolvido por Claudia Boatti, que constelou o Pathwork como uma família? Não seria interessante saber como os helpers de Pathwork integram outras abordagens aos ensinamentos do guia? Há alguma contradição? Como o Core Energetics é usado nos dias de hoje? O judaísmo tem sobrevivido à diáspora através dos tempos porque tem discutido continuamente a Torah e os comentários a respeito. A discussão mantém a mente viva. A partilha mantém a alma viva.

E isto me leva à próxima pergunta: qual é o propósito de nossas conferências internacionais de Pathwork? Elas começaram como conferências de liderança internacional. Em seguida, antes da conferência na Califórnia, nós concordamos que algumas pessoas que não estavam em uma posição de liderança, mas que se sentiam fortemente chamadas a estarem presentes, seriam bem-vindas também. No ano passado, a conferência foi aberta a todos. E isto foi maravilhoso. Eu acredito que esta é uma grande necessidade: um encontro de todos nós, para nos misturarmos, compartilharmos, nos conhecermos, dançarmos juntos, e olharmos nos olhos uns dos outros. Mas talvez haja dois tipos diferentes de necessidades aqui. Um, para honrar o propósito inicial e o outro para nos encontrarmos como uma grande família. Novos seguidores de Pathwork devem sentir uma necessidade maior do formato de Workshop, enquanto que professores e líderes podem ter outras necessidades.

Eu posso imaginar nossa próxima conferência organizada de tal maneira que ambas as necessidades sejam levadas em conta. Eu espero que até lá nós tenhamos uma nova Fundação Internacional de Pathwork, em bom funcionamento e cujos membros possam estar presentes. E talvez eles possam até mesmo falar dos seus problemas abertamente, como na tradição do Pathwork, com a bênção e a atenção de todos os presentes.

Este artigo é uma expansão daquele que escrevi para o “Guidelines” jornal do Path da Califórnia. Espero que minhas palavras iconoclastas estimulem algumas discussões saudáveis.

Às vezes, os travesseiros sobre os quais repousamos nossas cabeças precisam ser sacudidos e ventilados.



PERFIL DE ANDRE LEITES FUNDADOR DO PATHWORK NO MÉXICO

Uma entrevista com Donna Gray

(Nota do editor: Andre Leites é uma destas raras pessoas que é capaz de assimilar uma língua e uma cultura tão completamente que ele pode estar em casa em mais de um lugar. No México, onde ele é conhecido como Andres, ninguém suspeitaria que ele não nasceu lá. Nos Estados Unidos, ele fala Inglês americano sem o menor sotaque e parece ser tão americano quanto uma pessoa pode ser. Eu fiquei surpresa quando soube que na verdade ele nasceu na França, e é claro, fala francês como um nativo, que na verdade ele é. Embora ele tenha nascido na França, Andre se mudou para o México com sua família quando tinha 5 anos e ficou lá por 31 anos. Depois, aos 36 anos, ele foi para os Estados Unidos, onde ele passou 20 anos da sua vida. Em 1991 ele decidiu voltar para o México. Esta é uma conversa que eu tive com o Andre, para conhecer um pouco mais o homem que trouxe o Pathwork para o México e que vai ser o anfitrião na próxima Conferência Internacional.)



Como você descobriu o Pathwork?

Meu Deus, esta é uma das minhas histórias favoritas, mas ela não é curta. Vou tentar condensá-la da melhor maneira possível. Eu fui para Nova York em 1970 para fazer um treinamento em bioenergética com John Pierrakos e Alexander Lowen no Instituto Internacional de Bioenergética. Eu fui indicado para um grupo de pesquisa liderado por Clare Solomon, conhecida como Clara Lorenzi, e conheci um outro grupo que me parecia ter uma ‘cara limpa’. O que quero dizer é que eles pareciam ser abertos, com uma energia que parecia bem diferente para mim. Eles sempre tomavam café juntos depois de cada encontro do grupo, e eu me convidei para me juntar a eles, e então descobri que eles estavam sendo treinados por Eva Broch, que seria em breve Eva Pierrakos no Pathwork. Eles me convidaram para a sessão seguinte de transe. Quando eu descobri que ela era médium eu preferi ir ao cinema ao invés de me juntar a eles. Alguns meses depois, por uma razão que não

(Continuação Andre Leites)

posso explicar hoje, eu fui convidado novamente e decidi ir para desmascarar este evento não-científico e não linear. Eu levei comigo uma bolsa com câmeras e fitas para gravar, mas quando eu escutei Eva, eu fiquei transfigurado. Eu não toquei nas fitas em nenhum momento e saí de lá chorando. É claro que eu me juntei ao Grupo de Treinamento Um imediatamente, enquanto ainda estava fazendo meu treinamento no Instituto de Bioenergética. Eu também fiz algumas disciplinas tradicionais de psicologia neste período. Em breve eu me tornei um “Terapeuta Central”. O John chamava seu trabalho de “energia central” após ter largado o Instituto de Bioenergética. Naquela época, as pessoas ligadas ao Pathwork tinham dois ajudantes – um terapeuta central para fazer o trabalho de canalização da energia, e um Helper para ajudar a assimilar os conceitos das palestras. Eu me tornei ambos há muito tempo, como um Helper sênior. Ao longo dos anos eu tenho trabalhado dando aulas em Fenícia e na cidade de Nova York.

O que fez com que você decidisse trazer o Pathwork para o México e como ele se expandiu?

Em 1987 John Pierrakos me convidou para co-liderar o primeiro grupo central no México. Em torno de 1990, eu senti um desejo profundo de trazer o Pathwork para o México e então decidi trazê-lo. Minha esposa concordou comigo, então nos mudamos com as crianças em 1991. Foi estimulante e adorável estar de volta. Estava fazendo exatamente o que eu queria. Eu me sentia útil e via que precisavam de mim. Eu comecei a atender em Cuernavaca, e em breve estávamos com muitos terapeutas profissionais. Muitos deles vinham do treinamento de terapia central, e eles procuravam uma conexão espiritual. Quando eu voltei e eles viram que eu tinha disponibilidade, eles quiseram continuar o trabalho e ir à fundo nas dimensões espirituais das palestras, por isto quando eu comecei a clinicar eles vieram até mim. Eu comecei com dois grupos em 1993 que se tornaram a base para o primeiro treinamento de ajudantes. Eu comecei a visualizar a fundação de uma escola, e tenho me dedicado a ela nos últimos 12 anos da minha vida. Foi então que eu convidei Bert Shaw para se juntar a mim e treinar estes dois grupos. Bert e Moira eram amigos muito próximos e por isto convidei Bert para trabalhar comigo. Estava muito empolgado com o trabalho que eles estavam começando a fazer e ansioso para dividir isto com meus grupos no México. Quando Bert parou de participar, David Moskowitz também começou a ensinar. Nós formamos helpers e professores, e depois de um tempo o grupo de professores e eu decidimos que éramos capazes de terminar o trabalho sozinhos, sem a necessidade de trazer professores de fora. Esta difícil decisão foi um marco que possibilitou a criação do Pathwork mexicano, que agora é ensinado exclusivamente em espanhol. Isto também tornou-se possível com a tradução de todas as 258 palestras, em um grande esforço entre México, Uruguai e Argentina. Ultimamente nós também temos tido o apoio de José Maria Ruiz, de Tijuana, México, que também criou um grupo do Pathwork lá. Agora nossa escola tem 23 professores licenciados, com uma rica bagagem de sabedoria, conhecimento, metodologias e experiência para dar apoio ao Pathwork mexicano. O guia está presente em todos os lugares. Nós temos 4 níveis de treinamento que podem levar de 6 a 8 anos, e depois deste período a pessoa é formada como helper. Helpers podem trabalhar com uma outra pessoa, em consultas particulares, mas há outros requisitos para que esta pessoa se torne um professor licenciado que também pode liderar grupos. Cada um de nossos professores trabalha com um grupo de 15 a 20 pessoas. Nós temos 85 formandos no Treino de Desenvolvimento para Formação de Helpers, mas apenas 23 que se tornaram professores certificados, que é o nível mais alto. Grandes encontros entre os membros da comunidade é algo que só começamos a promover agora. É difícil. Nós não temos o Guia. Minha experiência me ensinou que quando Eva estava viva, as pessoas vinham de todos os lugares para ouvi-la transmitir os

ENTRETENDO-SE

Dúvida,
uma palavra provocante
que impede que eu
me encare de frente—

Uma composição
de minúsculas partes
de matéria que
se espalham—

ou
que se desenvolvem
com um sentimento
de liberdade

da mente—
tomada de emoções e
repleta de pensamentos
e imagens
que fluem e
brilham juntos.

E eu encontro-me
no centro, sentado e
imóvel,
dando a mim mesmo
a opção de
mover-me—
a princípio dedo a dedo
para depois despertar
a mente
para o Self
bem devagar,
e perceber
o momento presente como

certeza.
Vontade—
através da própria vontade
e,
sem nenhuma dúvida

mudança.

*escrito por
Zoe Willow*

(Andre Leites continued)

ensinamentos do Guia e dar as palestras. Este era o grande atrativo. Sem o Guia, as pessoas querem o Pathwork individual. Eles o encontram em seus grupos, com seus professores, e formam subgrupos coesos que ainda não estão interessados em grandes comunidades. Nós estamos lutando para encontrar a motivação para mantê-los unidos. Parte de nossa motivação para organizar a próxima Conferência Internacional é juntar a grande comunidade do Pathwork dentro de nosso próprio país. Nós temos dois grandes objetivos. Um é abrir o Pathwork mexicano para o mundo. O outro é reconectarmos internamente.

O que você mais ama em relação ao México?

Seu povo. Seu clima. O estilo de vida que eu posso ter. É um país enraizado em tradições ancestrais e muito espirituais. E o principal, é claro, é que eu tenho família e amigos no México. Foi lá que eu cresci. Minha família veio para cá em 1940 para fugir dos nazistas. Depois que os nazistas ocuparam Paris, foi muito difícil sair do país. Meu irmão tinha 3 anos e eu tinha 5 e tínhamos uma babá que vinha de uma fazenda em uma região onde a França era livre. Minha mãe nos deu à babá e disse a ela: “se eu não voltar para buscar meus filhos dentro de 3 meses, eles são seus”. Nós cruzamos a fronteira sem dificuldade, mas meus pais a atravessaram a pé e quase foram baleados. Por pouco eles teriam sido atingidos. Então nós fomos para Madrid, e de lá para Lisboa, e depois para Havana. A intenção inicial dos meus pais era emigrar para Nova York, onde meu tio vivia, mas os Estados Unidos tinham fechado suas fronteiras e não estavam emitindo mais vistos. O México abriu os braços e o coração para a minha família, e foi o único país na América que fez isto. Meu pai conseguiu um emprego no México e então nós ficamos, em uma cidade com o ar mais puro e as pessoas mais amigáveis que eu já conheci. Nós fomos bem recebidos e nos deram oportunidades, e com isto criamos raízes. Eu sempre tive uma imensa gratidão por este país que sempre deu tanto para a família Leite.

O que você gostaria que pessoas ligadas ao Pathwork no mundo todo soubessem sobre o Pathwork mexicano?

Eu não tenho muito a dizer, a não ser que já existe uma consciência entre os seguidores do Pathwork no México de que ele está se expandindo no mundo todo. Estes seguidores desejam ver a magnitude do Pathwork, sua essência e a importância dos ensinamentos do Guia à medida em que sua filosofia se expande pelo mundo. Eles querem participar disto, e trazer luz a outras pessoas. Eles também têm o desejo de serem vistos pelos outros e de receberem reconhecimento pelo que eles têm alcançado, para que assim eles possam compartilhar o que alcançaram com seus irmãos e irmãs de outros países. Eles querem que todos saibam que a comunidade do Pathwork no mundo também inclui o México.



(Continuação da página 13)

realizada na Angra dos Reis achei que era uma boa oportunidade para conhecer a comunidade brasileira do Pathwork e decidi participar. Nela encontrei pessoas maravilhosas e fiquei com muita vontade de fazer parte daquela grande e entusiástica comunidade. Foi também uma experiência fantástica ver centenas de “Pathworkers” de todo o mundo na Conferência: além de brasileiros, havia também pessoas do México, Argentina, Austrália, Suíça, Holanda, África, Canadá, dos Estados Unidos e Japão (eu!). Foi maravilhoso ver pessoas de raças e culturas diferentes, unidas num só objetivo de auto-purificação e auto-transformação. Naquele momento senti crescer em mim a esperança de um mundo melhor e o desejo de contribuir para tornar a Terra, um mundo com mais paz e harmonia.

CONSTRUINDO PONTES NO CAMINHO PRÓXIMA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO PATHWORK MÉXICO, MARÇO DE 2007

*por Yolanda de los Reyes
Coordenadora da Conferência*



Estamos felizes em anunciar que a próxima Conferência Internacional do Pathwork acontecerá em Ixtapa, em março de 2007, no México. Antes da Conferência Internacional do Pathwork no Brasil, o Pathwork mexicano não tinha nenhum contato com a comunidade internacional do Pathwork. Nós estávamos isolados. A razão superficial disso é que havia um conflito legal entre a Fundação e o Pathwork do México, e por isto nós ficamos separados. Nós não sabíamos o que estava acontecendo nos demais países, e as pessoas das outras regiões não tinham a menor idéia do que nós estávamos fazendo no México. Um resultado positivo desta segregação é que o Pathwork mexicano teve a oportunidade de crescer internamente, desenvolvendo seus próprios recursos, sua experiência e seus programas de treinamento.

Quando Andre e eu decidimos participar da última Conferência Internacional no Brasil, esta atitude foi um grande passo para resolver o conflito, e fico contente de anunciar que agora ele foi solucionado. Na conferência, Andre começou a reconectar-se à comunidade do Pathwork. Quanto a mim, participar da conferência me trouxe novas idéias e perspectivas, abrindo novos caminhos. Eu tive a consciência de que era extremamente importante para o Pathwork mexicano se abrir para o mundo, conectando-se com pessoas de outros países e passando a conhecê-las. Quando várias pessoas sugeriram que nós organizássemos a próxima Conferência Internacional no nosso país, Andre e eu achamos que isto seria uma excelente oportunidade para criarmos esta conexão e construirmos uma ponte que nos ligasse à comunidade do Pathwork, então quando voltamos ao México discutimos esta possibilidade com todos os outros professores. Isto representava um risco; porém valia a pena corrê-lo. Todos nós concordamos em aceitar este desafio e concretizar esta idéia. Andre me perguntou se eu estaria disposta a chefiar este esforço, e sem a menor sombra de dúvida eu aceitei.

Qual é o meu desejo ao reconectar com o restante do Pathwork no mundo? Minha verdadeira intenção ao liderar este esforço de organizar a Conferência Internacional do Pathwork no México é fazer com que nossa comunidade saia deste isolamento no qual tem estado nos últimos anos, e também conectar o México com as comunidades do Pathwork dos outros países. Queremos aprender como os demais países estão ensinando e promovendo a filosofia do Pathwork, quais dificuldades eles têm encontrado, e também o que eles têm conquistado. Queremos ver o que eles podem nos ensinar.

Ao mesmo tempo estamos ansiosos para mostrar o quanto o Pathwork tem se desenvolvido em nosso país ao longo destes 10 anos. Queremos trocar experiências e pontos de vista sobre o treinamento dos Helpers e sobre como difundir os ensinamentos do Pathwork. Nós queremos construir pontes entre as comunidades do Pathwork pelo mundo. Queremos contribuir para a difusão do Pathwork e fazer com que ele se torne acessível a mais pessoas. Eu acho que a organização da Conferência Internacional é um excelente meio para atingir estes objetivos.

A comunidade do Pathwork mexicano quer estar aberta ao mundo. Ela quer acabar com este período de isolamento de tantos anos e compartilhar suas experiências com as outras comunidades. Nós estamos convencidos de que podemos contribuir para construir um mundo melhor. O Pathwork é o caminho para a paz, o amor e a generosidade. Nós queremos abrir nossos corações e nossos lares às pessoas do mundo todo. Nós precisamos de todos vocês e queremos nos unir a vocês para nos tornarmos um só. Queremos estar conectados. Desejamos fazer parte da Comunidade Internacional do Pathwork.

A Fundação do Pathwork e o Pathwork mexicano tiveram dificuldades para decidir quais seriam as melhores

(Continuação México)

datas para a próxima conferência. Havia questões práticas a serem consideradas: não poderíamos organizá-la durante a época dos furacões, que vai de junho a outubro. Também não seria possível realizar o evento durante a alta estação ou perto dos feriados de fim de ano. Juntos decidimos que a melhor data para a realização do evento no México seria em março... então ele foi marcado para março de 2007. O título da Conferência Internacional é: Construindo Pontes no Caminho. Queremos construir pontes que nos liguem a outros países. E também queremos que pessoas de outras regiões atravessem esta ponte até o México. Escolhemos um local na costa para sediar a conferência porque é sempre uma alegria estar perto do mar, especialmente na época da primavera. A água permite que as coisas fluam mais facilmente, e queremos que uma comunicação e um entendimento profundos fluam entre nós. Queremos expandir nossa criatividade e atingir nossos objetivos com amor, construindo laços fortes com seguidores do Pathwork de diferentes regiões do mundo.

Para realizar este sonho, escolhemos como cenário uma praia ótima, Ixtapa, que não é muito turística, mas tem uma bela natureza e uma área de trabalho muito confortável. Vamos começar com um encontro de dois dias entre os líderes do Pathwork. Depois teremos três dias para a conferência geral. Planejamos oferecer vários workshops, e estamos convidando a comunidade do Pathwork para nos ajudar a organizar esta conferência. Nós já estamos recebendo sugestões de possíveis temas e atividades. Caso você queira participar deste projeto, você está mais do que bem-vindo(a) a se juntar ao time. Mesmo que você não participe da organização do evento, esperamos que você faça planos para participar da Conferência Internacional. É muito importante para nós sabermos que temos o apoio de seguidores do Pathwork de outros países, e que estamos todos dispostos a desenvolver juntos a Comunidade do Pathwork Internacional.

Informação logística da conferência:

Datas:

Encontro entre os organizadores – 6 e 7 de março de 2007
Conferência Internacional – 8 a 11 de março de 2007

Local:

Hotel Melia Azul Ixtapa
Ixtapa, Guerrero
México
www.meliaazulixtapa.com

Taxa de Inscrição da Conferência Internacional:

US\$350**

*Dólar americano

A taxa pode ser paga online no site www.pathwork.org

O hotel requer que cada pessoa faça sua própria reserva diretamente com ele. Para reservar um quarto, é necessário efetuar o pagamento de uma diária antecipadamente. O restante do pagamento será cobrado no final da estada no hotel. O hotel reservou quartos para os participantes da conferência até o final de novembro, por isto é importante garantir a reserva com antecedência. Também será possível fazer reservas após esta data, mas isto dependerá da disponibilidade de quartos no hotel. As reservas podem ser efetuadas por email no endereço reservaciones@meliazulixtapa.com, ou através do telefone (52755) 55 50000. Em Ixtapa há um aeroporto internacional.

Valores das diárias:

\$135 por pessoa/noite, em quarto triplo.

\$145 por pessoa/noite, em quarto duplo.

\$200 por pessoa/noite, em quarto individual.

Os valores das diárias incluem três refeições por dia, além de aperitivos, bebidas, taxas, gorjeta e acesso livre a todos os esportes aquáticos. Bebidas alcoólicas estão incluídas, sem pagamento adicional. Escolhemos um hotel com um Centro de Convenções, já que esperamos receber um grupo grande com mais de 200 pessoas.

Aguardamos ansiosamente para a realização de uma conferência maravilhosa, e mal podemos esperar para conhecer todos vocês aqui no México.

¡¡¡Hasta pronto, amigos!!!





P.O. Box 6010
Charlottesville, VA 22906
Ph. 434-817-2660
or, 1-800-728-4967
pathworkfoundation@pathwork.org
www.pathwork.org

In Connection
é publicado periodicamente
pela Fundação Internacional
do Pathwork e voluntários.

Petições podem ser enviadas para:
pathworkfoundation@pathwork.org

Editor
Donna Gray

Desenhista gráfico e layout
Zoë Willow

Conexão brasileira
Lilian Trebilcock

Tradutora
Regina Santos

Traduções adicionais
Cecilia Sakai, Gustavo Monteiro, Renate Caminha

Fotografia
Tom Hubbard

Foto do Grupo Trustee
Alan Saly

Fotos da Amanda van Boven, Gloria Costa
e Andre Leites
Donna Gray

Revisão (Português)
Cecilia Sakai, Gustavo Monteiro, Gloria Costa

O Pathwork® é uma marca registrada e de propriedade da Fundação Pathwork, e não é permitida a utilização da mesma sem o consentimento expresso dado pela Fundação Pathwork.

© 2006

*Você pode apoiar o trabalho da
Fundação Internacional do
Pathwork. Doações podem ser feitas
através da Nossa página da internet*

www.pathwork.org

A COMUNIDADE INTERNACIONAL

Há comunidades Pathwork em todo o mundo. As organizações a seguir são apenas algumas delas:

Pathwork na Argentina
www.pathworkargentina.com.ar

Pathwork no Brasil
www.pathwork.com.br

Pathwork no Canadá
www.pathwork.ca

Pathwork na Itália
www.crisalide.com

Pathwork no México
www.pathworkmexico.org

Pathwork na Holanda
www.padwerk.nl

Pathwork na Inglaterra
www.pathwork.org.uk

Pathwork da California, EUA
www.pathworkcalifornia.org

Pathwork do Médio Atlântico, EUA
www.sevenoakspathwork.org

Pathwork da Região de Nova Iorque, EUA
www.pathworkny.org

Pathwork no Uruguai
pathuy@adinet.co.uy

Para maiores informações e para encontrar uma comunidade perto de você visite-nos na:
www.pathwork.org